



ARTIGOS / ARTICLES

A HISTÓRIA DO MISSAL ROMANO: UM LIVRO LITÚRGICO PARA A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO

The History of Roman Missal: A Liturgical Book for the Mystery's Celebration

Rafhael Silva Maciel¹

RESUMO: As presentes reflexões visam enriquecer a compreensão da experiência cristã, destacando sua fundação na teologia revelada pelo Missal Romano. Inicialmente, versaremos do mandato conferido por Cristo durante a Última Ceia e os primeiros testemunhos, conduzindo uma análise que se inicia com a *I Apologia* de Justino, transita pela *Traditio Apostolica*, atribuída a Hipólito de Roma, e alcança os *libelli*, Sacramentários, *Ordines Romani* e Pontificais na Idade Média. Prosseguindo, apresentaremos um panorama histórico, delimitando as características fundamentais dos seguintes missais: Missal Franciscano, o Missal de 1474, o Missal de 1570, o Missal de 1962 e o Missal Romano de 1970. Por último, dedicaremos atenção à terceira edição típica do Missal Romano, aprovada no ano 2000 pelo Papa João Paulo II e publicada em 2002, contextualizando-a dentro do *continuum evolutivo* da liturgia cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Missal Romano; História do Missal; Livros Litúrgicos; Liturgia; Tradição.

ABSTRACT: The present reflections aim to enrich the understanding of the Christian experience, emphasizing its foundation in the theology revealed by the Roman Missal. Initially, we will discuss the mandate given by Christ during the Last Supper and the early testimonies, conducting an analysis that begins with Justin Martyr's *The First Apology*, traverses the *Traditio Apostolica* attributed to Hippolytus of Rome, and reaches the *libelli*, Sacramentaries, *Ordines Romani*, and Pontificals in the Middle Ages. Moving forward, we will present a historical overview, delineating the fundamental characteristics of the following missals: The Franciscan Missal, the 1474 Missal, the 1570 Missal, the 1962 Missal, and the Roman Missal of 1970. Finally, we will devote attention to the third typical edition of the Roman Missal, approved in 2002 by Pope John Paul II and published in 2002, contextualizing it within the *continuum evolutivo* of Christian liturgy.

KEYWORDS: Roman Missal; History of The Missal; Liturgical Books; Liturgy; Tradition.

Estudar a história de um livro litúrgico é, de algum modo, estudar a história de um instrumento que auxiliou e auxilia aqueles que celebram a caminhar e a encontrarem-se com Aquele a quem se celebra na ação litúrgica. Isso acontece, de modo muito especial,

¹ Doutorando em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneo Sant'Anselmo de Roma e professor da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: perafhael@hotmail.com

a partir do momento em que, pelas orações, pelos gestos e pelos ritos predispostos no livro litúrgico, e com a ajuda do Espírito Santo, a fé é celebrada de modo atual, de acordo com o seu tempo².

Nesse sentido, o aprofundamento do conteúdo de um dos livros litúrgicos, nesse caso o Missal, faz com que, por um lado, perceba-se o sentido da experiência cristã vivida por meio dos séculos, uma vez que esse aprofundamento ajuda na compreensão da eclesiologia de cada época; e, por outro lado, perceba-se que, no desenvolvimento interno de um livro, como o Missal, revela-se uma teologia. Apenas quando aquele que celebra o mistério cristão com o povo e para o povo tem o devido conhecimento do livro litúrgico que está usando é que ele poderá ser, de modo consciente, verdadeiro pontífice e mediador entre o que está prescrito no livro e os fiéis que participam da ação litúrgica.

1. O mandato de celebrar e seus primeiros testemunhos

Na Última Ceia (cf. Mt 26,26-29; Mc 14,12-25; Lc 22,7-23; 1Cor 11,23-26), os Apóstolos escutaram, da parte do próprio Jesus Cristo, a ordem: “*Fazei isso em memória de mim*” (Lc 22,19; 1Cor 11,25). A Eucaristia, então, desde seu início foi e é evento para o qual a vida da Igreja se orienta e evento do qual a Igreja parte, sempre e de novo, em missão – “*ite, missa est*”³. Na Igreja, então, tudo nasce da experiência que se faz ao redor da Eucaristia e para ela tudo retorna, como um encontro renovado e ardoroso com Jesus Cristo, aquele que transforma e dá sentido à vida de quem com ele se encontra.

Desde os primeiros tempos, a Igreja sempre celebrou segundo a ordem do Cristo, levando em consideração um núcleo essencial para a sua celebração. Os Padres da Igreja dos primeiros séculos dão testemunho da centralidade e importância da Eucaristia para a vida da Igreja. Porém, no que diz respeito ao dado litúrgico, propriamente dito, será com Justino⁴ que se encontrará uma primeira descrição de uma assembleia litúrgica.

Os capítulos 61-67 da sua *I Apologia* são de interesse fundamental para a pesquisa litúrgica nos primeiros tempos do cristianismo, uma vez que para o filósofo a liturgia é

² Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 37-38.

³ SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio de sacra liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 decembris 1963). *Acta Apostolicae Sedis*, vol.6, n.56, p. 97-13, 1964, 10.

⁴ Cf. GIUSTINO. *Apologia per i cristiani: introduzione, testo critico, traduction e note di Charles Munier*. v. 10. Bologna: Edizione Studio Dominicano, 2011. (Sources Chrétiennes 10), p. 11-36.

uma prova ritual de uma precisa apologética sobre uma vida nova, aquela que ele afirmou: “renovados por Jesus Cristo, nos consagramos a Deus”⁵.

Na *I Apologia* de Justino encontra-se o importantíssimo testemunho desse apologista sobre a celebração dominical⁶, no qual ele descreve, de modo detalhado, o desenrolar da eucaristia no Dia do Senhor em que diversos ministérios emergem. Escrevendo para um público de origem pagã, ele expõe:

No dia chamado do sol, se faz uma reunião, em um mesmo lugar, de todos aqueles que moram dispersos nas cidades ou nos campos, e são lidas as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas, até onde o tempo consente. Quando aquele que faz a leitura terminou, aquele que é preposto [da comunidade], em um discurso faz uma exortação e um convite para que se imitem esses belos exemplos. Em seguida, todos juntos nos levantamos e elevamos súplicas; depois, como já dissemos, quando terminamos a súplica, se porta pão, vinho e água, e aquele que preside [a comunidade], do mesmo modo eleva súplicas e ações de graças com toda a sua capacidade, e o povo aclama dizendo o Amém. Os elementos eucaristizados vão distribuídos e cada um participa dele, e [a eucaristia] é enviada por meio dos diáconos àqueles que não estão presentes⁷.

Mas, para além desse testemunho privilegiado que Justino oferece sobre como se realizava a celebração dos cristãos, pelo menos até o limiar do século VI, não se possuía exemplares oficiais sobre gestos e palavras usadas para durante o decorrer da própria celebração. No estudo das fontes litúrgicas, nos primeiros séculos da Igreja, não há fonte escrita da composição das orações e, até o século III, a composição das eucologias viveu um período intenso de improvisação⁸, sendo realizada com certa liberdade.

No século III, chega-se ao texto conhecido mais antigo, que contém dados de um ritual litúrgico, que é a *Traditio Apostolica*⁹. Ela é considerada como o mais antigo e o mais importante documento para a história da liturgia sendo uma fonte reconhecida como

⁵ GIUSTINO. *Apologia per i cristiani*: introduzione, testo critico, traduction e note di Charles Munier. Bologna: Edizione Studio Dominicano, 2011. (Sources Chrétiennes, 10), 61,1. Tradução nossa.

⁶ Cf. GIUSTINO. *Apologia per i cristiani*: introduzione, testo critico, traduction e note di Charles Munier. Bologna: Edizione Studio Dominicano, 2011. (Sources Chrétiennes, 10), p. 331, nota 65.

⁷ GIUSTINO. *Apologia per i cristiani*: introduzione, testo critico, traduction e note di Charles Munier. Bologna: Edizione Studio Dominicano, 2011. (Sources Chrétiennes, 10), 67,3-5.

⁸ Cf. BRADSHAW, F. *Alle origini del Culto Cristiano*: fonti e metodi per lo studio della liturgia dei primi secoli. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, p. 2-11.

⁹ Cf. BOTTE, B. Introdução. In: HYPPOLITE DE ROME. *La Tradition Apostolique*: text latin, introduction, traduction et notes de B. Botte. Paris: CERF, 1984, p. 7-11; cf. também PATERNOSTER, M. *L'imposizione delle mani nella Chiesa primitiva*: rassegna delle testimonianze bibliche, patristiche e liturgiche fino al secolo quinto. Roma: CLV, 1983, p. 3-4, notas 8 e 9; cf. RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa*: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica. Roma: CLV, 2011, p. 73, e cf. CAVALLI, G. *L'imposizione delle mani nella tradizione della Chiesa latina*: un rito che qualifica il sacramento. Roma: Pontificium Athenaeum Antonianum, 1999. (Studia Antoniana, 38), p. 57; cf. SCICOLONE, I. La liturgia nella “Tradizione Apostolica” di Ippolito. In: *Dizionario di spiritualità biblico-patristica*: culto divino e liturgia. v. 12. Roma: Borla, 1996, p. 143-146.

protossacramentária, pois, em verdade, ela é uma espécie de regulamento eclesiástico escrito, uma recolha de cânones com uma literatura institucional¹⁰.

Esse documento possui grande interesse e valor litúrgico, uma vez que traz um regulamento e alguma eucologia indicativa, mesmo que os textos eucológicos que ele contém não fossem pensados para serem proferidos tal e qual se apresentavam. Era, em suma, um modelo para a oração da presidência litúrgica.

Com o fim da era patrística e o período de transição para a Idade Média no Ocidente, referente à questão litúrgica, especialmente em Roma, começaram a surgir alguns testemunhos escritos da *lex orandi*. Nesse período imediato à época dos Padres da Igreja, fala-se de uma liturgia romana, porque seu sujeito e suas expressões são próprios do povo e da cultura de Roma¹¹. São deste período os papas Leão Magno, Gelásio I, Virgílio, e Gregório Magno que, entre os séculos V-VI, fizeram aflorar grandes obras de reforma na liturgia da Igreja¹². Surgem, nesse tempo, os assim chamados Sacramentários.

Com a liberdade de culto, a Igreja viu florescer vários formulários eucológicos, que foram recolhidos e postos em conjunto, originando os *libelli*, que, por sua vez, colecionados deram origem aos sacramentários¹³. Esses eram livros que continham os formulários prescritos para uso dos bispos ou dos sacerdotes quando celebravam a eucaristia ou alguns dos sacramentos ou sacramentais, sendo considerados livros litúrgicos puros, nos quais está contida a eucologia das celebrações, não se preocupando com as indicações rituais¹⁴. Certamente, dos antigos Sacramentários, dois grandes expoentes são os sacramentários *Veronense* e *Gelasianum Vetus*, uma vez que suas influências foram sentidas nas produções litúrgicas posteriores.

Além dos sacramentários, encontravam-se também os lecionários, sendo seus primeiros exemplares, em senso estrito para o rito romano, datados da segunda metade do século VII. Uma primeira lista de perícopes, anterior, datada entre os séculos V e VII, foi chamada *Capitolari*. O primeiro Lecionário foi a própria Bíblia, que continha um

¹⁰ Cf. PATERNOSTER, M. *L'imposizione delle mani nella Chiesa primitiva: rassegna delle testimonianze bibliche, patristiche e liturgiche fino al secolo quinto*. Roma: CLV, 1983, p. 1-2 e nota 1; cf. também, LAMERI, A. *La Traditio Instrumentorum e delle insegne nei riti di ordinazione: studio storico-liturgico*. Roma: CLV, 1998, p. 37-38.

¹¹ Cf. CATELLA, A. I modelli rituali della liturgia di ordinazione. In: *Le liturgie di ordinazione: atti della 24 settimana di studio dell'Associazione professori di liturgia*, Loreto (AN). Roma: CLV, 1996, p. 45.

¹² Cf. SANTANTONI, A. *L'ordinazione episcopale: storia e teologia dei riti dell'ordinazione nelle antiche liturgie dell'Occidente*. Roma: Editrice Anselmiana, 1976. (Studia Anselmiana, 69), p. 50.

¹³ Cf. SANTANTONI, A. *L'ordinazione episcopale: storia e teologia dei riti dell'ordinazione nelle antiche liturgie dell'Occidente*. Roma: Editrice Anselmiana, 1976. (Studia Anselmiana, 69), p. 50-51.

¹⁴ Cf. RIGHETTI, M. *Manuale di storia liturgica*. v. 1. Milano: Ancora, 1950, p. 276.

código das leituras. Desse modo, a Bíblia chegou a um livro litúrgico. Os Lecionários eram separados dos Sacramentários, nesse momento.

Enquanto os Sacramentários transmitiam os textos a serem proferidos na ação litúrgica, os gestos e ações a serem cumpridos no ritual litúrgico foram recolhidos em *libelli* chamados *ordines*. Os melhores exemplos dessa modalidade de livros são os *Ordines Romani*¹⁵, que surgiram entre o final do século VII e o início do século VIII.

Nos *ordines* estão contidas informações para a celebração com textos acompanhados de rubricas. A grande maioria dos *Ordines Romani* que se conhecem tiveram de fato sua origem em Roma e se difundiram até a região franco-germânica. As variações entre os estilos romano e franco-germânico são de grande importância, porque ajudaram a perceber os usos e modos da liturgia em Roma e fora de Roma.

Uniram-se, ainda ao conjunto dessas fontes litúrgicas os *antiphonale missarum*, dos quais não há testemunho escrito antes do século VIII. Eles serviam para a música na liturgia, com cantos para a Missa. Foram distintos por Amalario di Metz († 850) no que resguarda Roma, havendo o *cantatorium* (salmo gradual), o *responsorial* (responsório para ofertório) e o *antiphonarium/antiphonale* (antífonas para o ingresso e a comunhão). Os primeiros textos em música eram em *rótulos* – os *libelli*.

Outro tipo de fonte litúrgica que marcou os tempos, principalmente a partir do século X, foram os Pontificais. Eles evidenciaram a passagem de um livro litúrgico particular, reservado ao uso do presbítero ou do bispo, para uma compilação independente para as cerimônias somente do bispo, como a confirmação, as ordenações, a consagração de igrejas, a consagração das virgens e as bênçãos abaciais¹⁶.

Enquanto os textos eucológicos estavam nos Sacramentários e a descrição ritual nos *Ordines*, o Pontifical, por sua vez, unia os dois tipos de livros litúrgicos em um único

¹⁵ ANDRIEU, M. *Les Ordines Romani du haut Moyen Age: Les Textes* (Ordines XIV-XXXIV). t. 3. Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniense, 1974. (Études et Documents, 24), p. 606-613.

ANDRIEU, M. *Les Ordines Romani du haut Moyen Age: Les Textes* (Ordines XXXV-XLIX). t. 4. Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniense, 1965. (Études et Documents, 28), p. 40-46.73-75.99-110.200-205.

Um pouco da importância e evolução desses livros pode-se encontrar nos estudos: cf. FOLSOM, C. I libri liturgici del rito romano. In: CHUPUNGCO, A. (Ed.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. Introduzione alla liturgia*. 3. ed. v. 1. Casale Monferrato: Piemme, 2003, p. 317-318; cf. SANTANTONI, A. *L'ordinazione episcopale: storia e teologia dei riti dell'ordinazione nelle antiche liturgie dell'Occidente*. Roma: Editrice Anselmiana, 1976. (Studia Anselmiana, 69), p. 64; cf. LAMERI, A. *La Traditio Instrumentorum e delle insegne nei riti di ordinazione*. Roma: CLV, 1998, p. 61-62 e cf. NOCENT, A. Storia dei libri liturgici romani. In: MARSILI, S. *et alli* (Ed.) *La liturgia: panorama storico generale*. Torino: Marietti, 1978. (Anamnesis, 2), p. 163-165.

¹⁶ Cf. FOLSOM, C. I libri liturgici del rito romano. In: CHUPUNGCO, A. (Ed.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. Introduzione alla liturgia*. 3. ed. v. 1. Casale Monferrato: Piemme, 2003, p. 322-323; cf. também RIGHETTI, M. *Manuale di storia liturgica*. v. 1. Milano: Ancora, 1950, p. 345.

exemplar para ser usado de modo particular na liturgia episcopal¹⁷. Os Pontificais passaram por duas fases principais da sua formação. A fase mais primitiva, no decurso do século IX, com três diversas tentativas de adaptação da liturgia episcopal: a *sub specie sacramentali*, em que as fórmulas presentes no Sacramentário eram postas em conjunto com as rubricas e os títulos; a segunda tentativa *sub specie Ordinum*, em que os *ordines* não eucarísticos foram redigidos juntamente com as fórmulas eucológicas; e, numa terceira tentativa estavam os *libelli pontificales*, que se tratava da combinação de extratos dos *ordines* e dos sacramentários para a formação de ritos particulares completos, isto é, com os textos e as rubricas¹⁸.

Numa segunda fase de desenvolvimento dos Pontificais, surgiu a compilação do chamado Pontifical Romano-Germânico no século X, considerado o fundamento para a pesquisa litúrgica posterior. Além dele, surgiram pontificais importantes, como o Pontifical Romano do século XII, o Pontifical da Cúria Romana do século XIII e o Pontifical de Guilherme Durando e o *Pontificale Romanum*, aprovado e publicado por Clemente VIII (1536-1605) em 1595¹⁹.

2. O Missal

Como vimos, na história da Liturgia, somente a partir do século III, com a *Traditio Apostolica*, dita de Hipólito de Roma, é que se começou a ter algum testemunho de orações e ações litúrgicas por escrito. Com o tempo, no que diz respeito à celebração da Eucaristia, surgiram os *libelli*, Sacramentários, *Ordines Romani* e Pontificais. Não somente esses livros surgiram, mas concomitantemente desenvolveram-se os livros de canto, responsórios, antifonários, lecionários...²⁰

¹⁷ Cf. LAMERI, A. *La Traditio Instrumentorum e delle insegne nei riti di ordinazione*. Roma: CLV, 1998, p. 81; cf. também dados a respeito do assunto: NOCENT, A. *Storia dei libri liturgici romani*. In: MARSILI, S. et alli (Ed.) *La liturgia: panorama storico generale*. Torino: Marietti, 1978. (Anamnesis, 2), p. 165-166 e CIARROCCHI, A. M. *Sponsus Ecclesiae, sicut Christus: sobre el simbolismo nupcial del sacerdote desde Hugo de San Víctor hasta Santo Tomás de Aquino*. Siena: Cantagalli, 2016. (Studi sulla persona e la familia, 32), p. 68-69.

¹⁸ Cf. FOLSOM, C. I libri liturgici del rito romano. In: CHUPUNGCO, A. (Ed.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. Introduzione alla liturgia*. 3. ed. v. 1. Casale Monferrato: Piemme, 2003, p. 323.

¹⁹ Cf. FOLSOM, C. I libri liturgici del rito romano. In: CHUPUNGCO, A. (Ed.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. Introduzione alla liturgia*. 3. ed. v. 1. Casale Monferrato: Piemme, 2003, p. 326; pode-se cf. CAVALLI, G. *L'imposizione delle mani nella tradizione della Chiesa latina: un rito che qualifica il sacramento*. Roma: Pontificium Athenaeum Antonianum, 1999. (Studia Antoniana, 38), p. 113-114.

²⁰ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 39-40.

A história do livro litúrgico que recebeu o nome de Missal tem um caminho longo e interessante, que passou da diversidade à uniformidade, salvaguardadas algumas exceções. Nos inícios dos anos 1000, começou um movimento de fusão dos livros litúrgicos por motivos puramente funcionais. Foram colocados juntos, em um livro único, os vários elementos para a celebração da liturgia da Igreja, especialmente da Eucaristia. No final do século X e início do século XI, nasceu o livro que foi denominado como Missal. Vejamos agora um primeiro modelo de Missal.

2.1. Missal Franciscano

Um primeiro modelo de Missal é o Missal Franciscano que, segundo o estudioso Cyrille Vogel²¹, marcou o surgimento do chamado Missal plenário. Três aspectos são levados em consideração para o surgimento do Missal plenário: 01) A praticidade de haver em um só livro tudo o que era necessário para a celebração da eucaristia – rito e eucologia (A. Wilmart); 02) A questão da difusão da Missa privada e a necessidade de que houvesse o livro para sua celebração (J. Jungmann); 03) Por conta da evolução eclesiológica, que concentrou a celebração nas mãos do sacerdote (a tese principal de Vogel), uma vez que, inclusive, os monges chegaram a assumir o estado clerical como sacerdotes.

A Missa que prevaleceu como “normativa” era a chamada “Missa baixa ou lida”, na qual o sacerdote celebrante era o ator principal e, praticamente, único. Por isso, antes de um Missal, propriamente dito, surgiram os *libelli missarum*, pelos quais o sacerdote poderia rezar sua Missa privada. Desses *libelli*, fazia parte o *Ordo Missae*.

A consolidação desse estilo de livro para a Missa encontra ressonância e total apoio com os papas Inocêncio III (1198-1216) e Honório III (1217-1227). Com Honório III, surgiu o *Missale secundum Ordinem Romanae Curiae*, que foi adotado pelos Frades Menores Franciscanos²². O próprio São Francisco de Assis, na Regra não bulada (1221), estabeleceu que os frades, aqueles que eram irmãos, deveriam rezar o ofício e as orações,

²¹ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 41.

²² Cf. PRZECZEWSKI, M. (Ed.). *Missale Franciscanum Regulae: codicis VI. G.38, Bibliothecae Nationalis Neapolinensis*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (Monumentum Studia Instrumenta Liturgica, 31), p. XXI-XXIII; cf. também, RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pratica pastorale*. Nuova edizione ampiamente riveduta e aggiornata secondo l'editio typica tertia del Messale Romano. Roma: CLV, 2003, p. 141-143: fala sobre a importância que o *Ordo Missae* teve para os pontificados de Inocêncio III e Honório III.

mas que os frades clérigos deveriam rezar a Missa pelos vivos e defuntos, segundo os costumes locais.

Todavia, na Regra bulada, aprovada por Honório III em 1223, São Francisco regulou o seguinte: “*clerici faciant divinum officium secundum ordinem sanctae Romanae Ecclesiae*”, isto é, que os clérigos rezem o ofício divino segundo a ordenação da Igreja Romana incluindo o rito da Missa, ou seja, o rito que era celebrado pela Cúria Romana, e, por orientação direta da Ordem, os frades adotaram como Missal para seu uso, aquele que era o mesmo da Cúria²³.

O código encontrado no Missal Franciscano tem sua proveniência datada do século XIII. Ainda nele se encontra a: “famosa teoria da consagração do vinho por contato com a hóstia consagrada, expressa em duas rubricas dos livros da Regra: no ritual da comunhão aos enfermos e na Sexta-feira santa. Aimone suprime esse uso corrigindo essas rubricas”²⁴. Vejamos agora algumas características desse missal.

2.1.1 Características do Missal Franciscano

Podemos elencar as seguintes características do Missal Franciscano²⁵:

1. Praticamente era uma reprodução palavra por palavra do Missal de Honório III, inclusive das rubricas e das anotações musicais. Mas, isso não perdurou muito tempo, abrindo espaço para a edição de um Missal mais simples sem anotações musicais e sem o gradual.

2. Devido ao apelo missionário e o estilo de vida itinerante dos frades as eucologias, as rubricas, os textos bíblicos e as anotações e cantos do Missal da Regra Franciscana foram preparadas de acordo com as necessidades dos sacerdotes peregrinos.

²³ Cf. PRZECZEWSKI, M. (Ed.). *Missale Franciscanum Regulae*: codicis VI. G.38, Bibliothecae Nationalis Neapolinensis. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (Monumente Studia Instrumenta Liturgica, 31), p. XXI-XXVII; cf. também, RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa*: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica. Roma: CLV, 2011, p. 159.

²⁴ PRZECZEWSKI, M. (Ed.). *Missale Franciscanum Regulae*: codicis VI. G.38, Bibliothecae Nationalis Neapolinensis. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (Monumente Studia Instrumenta Liturgica, 31), p. LVI: “*Famosa teoria sulla consacrazione del vino per il contatto con l’ostia consacrata, espressa in due rubriche dei libri della Regola: nel rituale della comunione degli infermi e nel Venedi santo. Aimone sopresse una tale usanza correggendo le rispettive rubriche*”.

²⁵ Cf. PRZECZEWSKI, M. (Ed.). *Missale Franciscanum Regulae*: codicis VI. G.38, Bibliothecae Nationalis Neapolinensis. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (Monumente Studia Instrumenta Liturgica, 31), p. XXI-LXXXIII.

3. As adaptações feitas pelos franciscanos ao Missal da Cúria foram poucos, como por exemplo adaptar o calendário com as festas próprias da Ordem, como a de São Francisco, incluída no Santoral.

4. No lugar da expressão clérigos foi posta a expressão frades (e outras expressões como: ministro, custódio ou guardião). Outras adaptações do Missal Franciscano foram, por exemplo, que os frades estivessem descalços no momento de receber as cinzas na quarta-feira de cinzas, as vestes litúrgicas de cores diversas, entre outros aspectos.

5. Era um Missal prático e fácil de ser manuseado e portado pelos sacerdotes, que logo se tornou modelo para outras edições. Portanto, era um livro portátil.

6. Com relação ao seu conteúdo, o Missal Franciscano traz, em primeiro lugar, um calendário de estilo romano, com festas de santos, inclusive com sinalizações zodiacais: sol, outono, festa das estrelas etc. O Santoral possui adições posteriores, escritas à mão, e vários desses foram inseridos no *proprium de tempore*.

7. Após esse calendário, seguiam-se várias orações como, por exemplo, a bênção do sal e da água para a aspersão.

8. Também vinha prescrito o modo da visita (comunhão) aos enfermos com a comunhão; a encomendação da alma e várias outras orações.

9. O *incipit* do Missal: “*Incipit ordo agendorum et dicendorum a sacerdote in missa privata et feriali iuxta consuetudinem Ecclesiae romanae*”.

10. No *Ordo Missae* encontravam-se vários prefácios, porém ainda não se encontravam indicações da elevação nem da hóstia nem do cálice com vinho consagrado no momento da consagração.

11. Trazia dois grupos de rubricas, divididas em rubricas gerais e as rubricas a respeito de determinados formulários. Algumas rubricas diziam, particularmente, do modo de agir do sacerdote, como, por exemplo, como deveria se aproximar do altar, como fazer a incensação, como fracionar a hóstia consagrada etc. Sobre possíveis ministrantes falava-se apenas do diácono e subdiácono.

12. A primeira série de rubricas gerais, estava inserida antes do I domingo do Advento, e diziam respeito às vestes sacras, os dias feriais, indo até o ciclo do Natal e da Septuaginta e deste até a quinta-feira da Semana santa. Após essas rubricas vinham algumas precisões de Missas: Advento, votivas para fiéis defuntos, Santa Cruz, Virgem Maria – não rezadas do Natal até a Purificação da Virgem Maria; e da Septuaginta até a oitava de Pentecostes.

13. A segunda série de rubricas gerais dizia respeito ao *Ordo Missae*: quando se deveria ou não cantar o Glória, o Credo, o *Te Deum laudamus*. Uma terceira série das

rubricas gerais concernia sobre o canto do *kyrie*, do *Sanctus* e do *Agnus Dei* e a inserção do *infra actionem* em algumas solenidades como, por exemplo Ascensão, São João Batista, Santos Pedro e Paulo etc. Já a quarta série de rubricas gerais se encontrava entre o Santoral e as Missas dos formulários Comuns, começando inicialmente com as indicações de como se deveria celebrar as Vigílias propostas, a coleta *A cunctis*, quando se celebrava o I domingo do Advento e os dias das Quatro Têmporas.

14. O segundo grupo de rubricas, aquelas a respeito de *ordines* diversos: há uma diferença importante na impositação das funções litúrgicas e na terminologia sobre os protagonistas e participantes, havendo uma variação entre terminologias próprias da Corte Papal, que permaneceram em algumas solenidades e festas, e outras terminologias próprias dos franciscanos. Nesse segundo grupo encontrava-se a questão da consagração por contato, na Sexta-feira Santa.

15. O Temporal ia desde o I domingo do Advento até a Quarta-feira de Cinzas. Encontravam-se aí as rubricas sobre as vestes litúrgicas, orações etc.

16. A Missa da Quarta-feira de Cinzas e as rubricas para as orações dos dias feriais antes do Domingo de Ramos eram seguidas pelas várias prescrições do índice sobre o período da “Semana Santa”, Tempo da Páscoa, Pentecostes...

17. Na sessão das Missas comuns e dos santos, encontravam-se 27 formulários para Missas comuns para os santos e 49 formulários para Missas votivas e por várias necessidades. Havia a Missa para o comum dos Apóstolos (com vigílias), para os Mártires, para os Confessores, Dedicção de Igreja; para várias necessidades e as Missas pelos fiéis defuntos.

18. A solenidade de *Corpus Christi* é uma adição posterior ao primeiro exemplar do Missal Franciscano.

19. Sobre o canto, os franciscanos adotaram, também, o Breviário e Missal da Cúria com o canto ali proposto.

2.2. O Missal de 1474

Principalmente a partir dos séculos XIV e XV, passou-se da fase dos manuscritos aos textos impressos. Em 6 de dezembro de 1474 foi publicada a *Editio princeps* do Missal Romano²⁶, com sete edições feitas em Milão, sendo editadas quatro publicações do rito

²⁶ Cf. SODI, M. Il *Missale Romanum* tra l'edizione del 1474 e quella del 1962. La novitas nella traditio. *Rivista Liturgica*, vol.95, n.1, p. 55-77, jan./fev. 2008, p. 59-62.

ambrosiano e duas para a Ordem dos Humilhados. Desta *Editio princeps* de 1474 foram encontrados apenas dois exemplares, sendo um na Biblioteca Ambrosiana e outro na Biblioteca Vaticana. Essa Edição de 1474 teve grande apoio e difusão sobre os pontificados da época²⁷. Vejamos, então, algumas de suas características.

2.2.1. Características do Missal de 1474

Dentre as principais características do Missal de 1474, podemos verificar:

1. Esse Missal de 1474 não possuía um frontispício, indicando que ele era impresso e que seu frontispício deveria para ser decorado à mão. Iniciava-se com o Calendário, ao qual se seguia o *ordo* sobre como preparar a água benta. A Letra Principal do início de cada página era feita por um copista, por isso essas páginas ficavam em branco.

2. Vinha em seguida ao *ordo* o Próprio do Tempo, com o *incipit*: “*Ordo Messalis secundum consuetudinem Romane Curie*”.

3. O Próprio do Tempo era dividido em três períodos: do Advento até a Vigília do Natal; do Tempo do Natal até o início da Oitava da Epifania; e o formulário quaresmal que continha as chamadas Septuagésima, Sexagésima e Quinquagésima, que introduziam a Quaresma, por sua vez composta por formulários feriais e para os quatro domingos; em seguida vinha o Domingo e a Semana da Paixão até o Domingo de Ramos e deste até o término com o Sábado Santo.

4. Ainda nesse Missal de 1474 era encontrada a teoria da consagração por contato no formulário da Sexta-feira da Paixão.

5. Apresentava um grupo de rubricas (mesmo que faltassem rubricas no início desse Missal) e não possuía o *ordo servandus*.

6. Continha o *Ordo Missae*, que vinha depois do Sábado Santo. O *Ordo Missae* tinha certa sobriedade nos textos e rubricas. Talvez essa sobriedade nos textos e rubricas se desse pelo fato de ser um livro impresso, e os seus custos de impressão serem elevados.

7. O Próprio do Tempo recomeçava com o Domingo da Ressurreição até Pentecostes. Seguido da Festa da Ss. Trindade e do *Corpus Christi*. Seguiam-se 24 domingos após Pentecostes.

8. O Próprio dos Santos abria-se com o ofício próprio dos Santos e a Missa na Vigília de Santo André, Apóstolo e se concluía com a Missa de Santa Catarina, virgem e mártir.

²⁷ Cf. RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica*. Roma: CLV, 2011, p. 159-160.

No que toca aos formulários dos Comuns dos Santos, abria-se com o comum dos Apóstolos e concluía-se com a festa da natividade da Sempre Virgem Maria. Esse Missal também continha os textos para Dedicção de Igreja e o formulário da Missa em honra dos Santos cujos corpos se guardavam em determinada igreja.

9. As Missas votivas: em honra da Ss. Trindade, Virgem Maria, Santos Pedro e Paulo e outros. As Missas para várias necessidades eram numerosas como, por exemplo, as Missas pelos fiéis defuntos e pelos enfermos na proximidade da sua morte. Essa variedade de textos de Missas devocionais aos Santos e para ocasiões diversas ajuda entender a mentalidade da época, com Missas, inclusive, para o próprio sacerdote, para que pudesse superar as tentações da carne, pelos pensamentos cativos etc.

10. A última sessão do Missal de 1474 incluía bênçãos e formulários para a festa da Transfiguração do Senhor e Missa para crianças.

11. Foram adicionadas ao Missal de 1474 duas sequências: a da Páscoa e a do Pentecostes.

2.3. O Missal de 1570

Os Missais impressos eram controlados pelos bispos titulares e pelos capítulos das catedrais. A liturgia era adaptada segundo o uso da Igreja local, seguindo um modelo polimórfico, com uma mistura da liturgia romana, da liturgia franco-romana e da liturgia da Igreja local, além da migração de formulários de Missas que circulavam por muitos lugares. Neste período anterior a 1570, havia uma pluralidade eucológica quase infinita nos Missais existentes.

Começou, na Igreja, a preocupação por uma maior uniformidade dos formulários eucológicos do que pelas rubricas, uma vez que cada Igreja tinha seus próprios livros ordinários e consuetudinários. Por esse motivo e, para tentar manter certa ordem e unidade, difundiu-se o estilo da Missa Romana, ou da Missa do Papa. Mesmo com esse movimento de adesão à liturgia romana, a variedade dos ritos numa mesma diocese era ainda muito comum. Toda essa variedade começou a gerar confusão e mesmo um caos na celebração local da liturgia²⁸.

²⁸ Cf. RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica*. Roma: CLV, 2011, p. 161. Na página 179, de Raffa, lê-se: “*Una certa libertà sfrenata vicina all’anarchia, il cumulo di abusi, un certo tipo di facioneleria nella redazione dei testi liturgici, il pericolo di compromettere l’unità di fede suscitarono un diffuso desiderio di uniformità, di ordine, di stabilità e di obbligatorietà per tutti nel settore dei libri liturgici.*”.

Em algumas partes do mundo católico, como acenado acima, havia alguns caminhos de unificação dos livros litúrgicos, como ocorreu nos Sínodos de Treviri, Monreale e Palermo. Verificando essa abertura para unificação da celebração da liturgia em ambiente latino, e havendo um caminho aberto, a partir do pedido dos Padres Conciliares de Trento, pediu-se à Autoridade da Igreja a uniformização do culto, que teve seu primeiro fruto no Decreto *de observandis et evitandis in celebratione Missae*, de 17 de setembro de 1562²⁹.

Além disso, o Concílio de Trento, diante das controvérsias protestantes de seu tempo, que em diversas ocasiões entravam na práxis litúrgica, especialmente devido à variedade quase infinita de ritos e eucologias, refletiu uma teologia eucarística a ele contemporânea. Em um contexto de caos litúrgico e teológico, foi chamado em causa o Missal, como *livro princeps* da liturgia³⁰.

O Concílio tridentino pediu, então, que a Santa Sé continuasse esse serviço de restauração da liturgia da Missa. Esse processo foi iniciado pelo Papa Pio IV e finalizado pelo seu sucessor, o Papa Pio V. A primeira impressão do Missal escolhido por Pio V para essa unidade litúrgica teve sua primeira impressão realizada com alguns erros gráficos, de modo que a versão oficial, sem erros, só foi publicada em 1572.

O contexto eclesial do período do Missal tridentino, como visto, era o de certo caos litúrgico, uma vez que numa mesma diocese existiam vários Missais, o que significava uma variedade de “ritos romanos”. O Papa Pio V proveu, em nome do Concílio de Trento, com a Constituição Apostólica *Quo primum tempore*, um Missal que fosse válido para toda a Igreja Católica de rito latino, exceto para aquelas tradições que tivessem mais de 200 anos de existência³¹.

O chamado Missal de Pio V diz da teologia tridentina em que se realça o valor do ministro ordenado em contraposição ao pensamento de Martinho Lutero e suas doutrinas anticatólicas, tendo como objetivo principal “*ad pristinam sanctorum patrum normam et ritum*”, ou seja, o retorno às fontes e às normas dos Santos Padres. Pela reforma litúrgica

²⁹ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 49-50.

³⁰ Cf. AUGÉ, M. Dal messale tridentino al messale Vaticano II. In: CENTRO AZIONE LITURGICA (Ed.). *Il Messale Romano per la celebrazione del mistero*. Roma: CLV, 2011. (Iniziazione alla Liturgia, 15), p. 11-13.

³¹ Cf. SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Ed.). *Missale Romanum*. Editio Princeps (1570). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998, (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini, 1), p. XVI-XXXI; cf. também, RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica*. Roma: CLV, 2011, p. 175: “*Alcune forme e orientamenti certamente hanno avuto il loro inizio forse secoli prima. Tuttavia con il messale di Pio V hanno rivecutto una diffusione universale nella chiesa occidentale latina, un definitivo e stabile carattere di ufficialità, di obbligatorietà e di intocabile immutabilità*”.

de Trento, também o calendário litúrgico foi revisto com abolição de uma série de memórias de santos, que em alguns casos beiravam ser personagens legendários. Em 1568, foi publicado o Breviário Romano, com um calendário e, em 1570, foi publicado o Missal, com outro calendário diverso. Vejamos agora algumas características do Missal de 1570,

2.3.1. As características do Missal de 1570

Algumas características do Missal de 1570 são:

1. O *Ordinarium missarum de tempore* ia do I Domingo do Advento até o Sábado Santo.

2. O *Ordinarium Missae* trazia elementos que já estavam presentes há séculos na Igreja, mas que estavam restritos ao Missal da Cúria Romana do século XIII, agora postos de modo universal para toda a Igreja, juntamente com o *Ordo Missae*, publicado por Giovanni Bucardo em 1502.

3. O *proprium de tempore* era retomado a partir do domingo da Ressurreição até XXIV domingo pós Pentecostes.

4. O Próprio dos Santos continha desde as vigílias para as festas de um Apóstolo até Missas de Santos, Mártires e não Mártires, Virgens e não Virgens etc. Começava-se com a Vigília do Apóstolo Santo André.

5. Trazia Missas para: aniversário de Dedicção de Igreja, Missas votivas: pelos esposos, orações à escolha dos sacerdotes, Missas pelos fiéis defuntos e bênçãos diversas.

6. A forma típica da celebração da Missa era a Missa privada.

7. Fala-se de povo, mas sem a compreensão atual de participação ativa na celebração; não se falava de assembleia. Falava-se de circunstantes, ou seja, dos clérigos que estavam nas proximidades do sacerdote que celebrava.

4. A comunhão era um rito externo à celebração mesma da Missa.

5. Prevalciam as rubricas mais que o conteúdo eucológico da celebração. Muitos ressaltavam que esse Missal tridentino era o: “triumfo do rubricismo através de uma lente em que não se deixa passar despercebido nenhum particular, por menor que fosse”³². Em outras palavras, havia uma prevalência do cerimonial sobre o funcional.

³² Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio*

2.4. O Missal de 1962

O Missal, então, é a fusão dos elementos da eucologia contidos nos sacramentários, lecionários e antifonários. O *Ordo Missae* é a recolha de orações pessoais/privadas para o uso do celebrante, em que ele manifestava sua devoção. Geralmente, essas orações eram de três tipos: apologia (pedindo o perdão dos pecados), um estilo franco (com orações proveniente da França) e um estilo renano (uma oração com um gesto do sacerdote: ritos de introdução, enquanto o sacerdote chega ao altar, momento do ofertório, momento da comunhão. Cada gesto, uma oração). Tudo isso passou a vir integrado ao Missal.

As rubricas, de modo particular após Trento, foram ainda mais detalhadas para contrastar com o estilo de liturgia dos protestantes e evitar os abusos que aconteciam dentro da celebração eucarística. As rubricas fizeram parte de uma “reforma interna”, para reordenação da liturgia; em um segundo momento estava também o desejo de contraste com os protestantes e rebater as suas teses.

Entre os anos de 1570 e 1962 foi inserida no calendário litúrgico uma série de 145 novas festas de santos. Isso era apenas uma pequena demonstração de que o Missal de Pio V passou por algumas revisões no arco de tempo anterior ao Concílio Vaticano II³³. O próprio Papa João XXIII realizou a última atualização no Missal tridentino com o Decreto da Sagrada Congregação para os Ritos de 23 de junho de 1962³⁴. Vejamos então algumas características da edição típica do Missal de 1962.

2.4.1. Características do Missal de 1962

Algumas características da edição típica do Missal de 1962 são³⁵:

1. A última atualização do Missal tridentino trazia uma parte introdutiva mais articulada, com novas adaptações no que concernia à questão das rubricas e outros elementos do Missal. As Bulas Papais anteriores, pelas quais se fazia alguma modificação

dell'Associazione Professori di Liturgia. Roma: CLV, 2003, p. 50-56. Tradução nossa. Texto original: “Trionfo del rubricismo attraverso una lente cui non sfugge nessun particolare per quanto minimo”.

³³ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 56.

³⁴ Cf. SODI, M.; TONIOLO, A. (Ed.). *Missale Romanum ex decreto SS. Concilii Tridentini restitutum Summorum Pontificum cura recognitum*. Editio typica (1962). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. (Monumenta Liturgica Piana, 1), p. VIII.

³⁵ Cf. SODI, M.; TONIOLO, A. (Ed.). *Missale Romanum ex decreto SS. Concilii Tridentini restitutum Summorum Pontificum cura recognitum*. Editio typica (1962). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. (Monumenta Liturgica Piana, 1), p. IX-XIII.

no Missal original de Pio V, foram postas todas em sequência, logo após o novo decreto de 1962.

2. Além da parte introdutória, constavam também as rubricas gerais e outras a respeito do Missal Romano, seguido do *de anno et eius partibus* e o calendário.

3. Continuou a presença do *ritus servandus* e do *de defectionibus in celebratione missae occurrentibus*, com os textos para a Preparação e para a Ação de Graças da Missa, e o acréscimo da instrução do modo como fazer a incensação.

4. Seguia-se a primeira parte do Próprio do Tempo que ia do I Domingo do Advento até a Vigília Pascal.

5. Como nos Missais precedentes, logo após o Sábado Santo, vinha disposto o *Ordo Missae* e, na sequência, retomava-se do Próprio do Tempo, indo do Domingo da Ressurreição até o XXIV Domingo e último depois de Pentecostes.

6. O *Ordo Missae* ocupava 113 páginas, apresentando o modo de desenvolvimento do rito com as rubricas necessárias. O Cânon Romano era a única “Oração Eucarística” prevista e a Missa se concluía com a proclamação do Prólogo de São João, indicando a missão da Igreja de anunciar o Verbo Eterno.

7. O Próprio dos Santos abria-se no mês de novembro, com a festa de Santo André, e concluía-se no mês de novembro do ano seguinte.

8. O Comum dos Santos continha orações para Papas, Mártires, Confessores Pontifícios, Doutores, Confessores não Pontifícios, Abades, Virgens, não Virgens, Dedicção de Igreja, festas da Bem-Aventurada sempre Virgem Maria e alguns formulários da Bem-Aventurada sempre Virgem Maria no sábado.

9. As Missas votivas eram predispostas para os dias da semana, como Missas dos mistérios do Senhor, dos Anjos ou Santos e orações diversas.

10. As Missas pelos fiéis defuntos incluíam um *Ordo absolutionis in exequiis* que fosse com o corpo presente ou ausente do falecido.

11. Havia o Próprio dos Santos para lugares diversos, o que dava um pouco a liberdade de cada lugar para a celebração dos seus santos.

12. Outros elementos presentes eram as orações para a bênção e aspensão da água e cantos à escolha.

13. Havia um apêndice com bênçãos diversas e outras bênçãos próprias do Bispo, como o Rito da Confirmação e as orações para bênção da patena e do cálice.

14. Por fim, vinha o índice alfabético.

15. De algum modo, o Missal de 1962, continuou com uma estrutura complexa, em que havia grande preocupação com as rubricas.

2.5. O Missal Romano 1970

Passados sete anos da promulgação da *Sacrosanctum Concilium*³⁶, o Papa Paulo VI publicou o novo Missal, em 1970, como uma das respostas pretendidas para a atuação da reforma litúrgica pós-conciliar. Seguindo o princípio norteador da Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, o novo Missal passou a ter em sua intenção uma maior participação da assembleia na ação litúrgica³⁷.

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia (21-40) ofereceu as coordenadas para que a reforma litúrgica, pedida pelos Padres Conciliares, fosse iniciada e levada adiante. Deste modo, com o Concílio Vaticano II, no que concerne à reforma do Missal, havia o pedido da supressão de tudo aquilo que não fosse útil ou que tivesse sido duplicado na cerimônia com o decorrer dos tempos. Havia também o pedido para que se desse o devido valor e lugar à Palavra de Deus e à homilia no contexto da celebração eucarística. Além disso, que se acrescentasse a oração universal dos fiéis e a possibilidade da concelebração.

Assim como em Trento, a reforma do Missal não foi iniciativa particular de um Papa, mas um pedido do Concílio, no caso do Vaticano II, expresso pela *Sacrosanctum Concilium*. No título do novo Missal ficou expresso por ordem de quem foi feita a sua revisão: *Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum*³⁸.

No seu título diz-se que foi promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI e nas edições posteriores acrescentou-se que foi revisto pela autoridade do Papa João Paulo II. A edição de 1970 trazia um Proêmio de Paulo VI por conta da polêmica contrária ao *Ordo Missae* do Missal anterior ao de 1970³⁹. Vejamos agora algumas características desse Missal.

³⁶ Cf. SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio de sacra liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 decembris 1963). *Acta Apostolicae Sedis*, vol.6, n.56, p. 97-13, 1964.

³⁷ Cf. AUGÉ, M. Dal messale tridentino al messale Vaticano II. In: CENTRO AZIONE LITURGICA (Ed.). *Il Messale Romano per la celebrazione del mistero*. Roma: CLV, 2011. (Iniziazione alla Liturgia, 15), p. 15.

³⁸ MISSALE Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Città del Vaticano: Typis Poliglottis Vaticanis, 1969.

³⁹ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 56-59; cf. também, RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica*. Roma: CLV, 2011, p. 187-200.

2.5.1. Características do Missal de 1970

Algumas características do Missal de 1970 que podemos elencar, são⁴⁰:

1. O novo Missal passou a trazer um Proêmio, escrito pelo Papa, e junto dele uma Instrução geral. Não há mais a Bula de Pio V, porque é uma nova edição, de um novo Concílio. Essa instrução geral é uma espécie de introdução ao rito, contendo uma base teológica e um código normativo para a celebração da Eucaristia. Isso procurou dar ao Missal de Paulo VI referências teológicas com características mais pastorais. Sentido teológico e rubricas se completam, não se excluem. Se por um lado a teologia deveria fazer emergir o significado daquilo que se celebra, por outro as rubricas ordenam a celebração para que se possa atingir aquilo que dela se espera⁴¹.

2. A Instrução geral do Missal Romano está disposta em oito capítulos:

2.1. Importância e dignidade da Eucaristia.

2.2. Estruturas e elementos da Missa (em que se fala de duas mesas: da Palavra e da Eucaristia).

2.3. Ofícios e ministérios na Missa.

2.4. Diversas formas de celebração da Missa (com povo, concelebrada, com um só ministro [“sem povo”], normas de caráter geral).

2.5. Disposições e ornamentação das igrejas para a celebração da Eucaristia.

2.6. Coisas necessárias para a celebração da Missa.

2.7. Escolha das partes da Missa.

2.8. Missas e orações para diversas circunstâncias e Missas pelos fiéis defuntos.

3. Com a Instrução geral do Missal Romano, desapareceu o *ritus servandus*, e é oferecida uma introdução a toda a eucologia contida no Missal, falando-se da importância e da dignidade da Eucaristia, perfazendo um tratado e síntese doutrinal-teológica sobre este Sacramento. Além disso, fala-se da estrutura da Missa, explicando, com poucas palavras, elementos e gestos, a distribuição das coisas e das pessoas. A Missa está estruturada de modo bipartido: Palavra e Eucaristia, com uma introdução (ritos introdutórios) e uma conclusão (ritos finais). Fala-se de ofícios e ministérios, abrindo uma visão ministerial da celebração da Eucaristia, e fala-se de assembleia e participação.

⁴⁰ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003, p. 56-64.

⁴¹ Cf. MAGGIANI, S. Interpretare il libro liturgico. In: ASSOCIAZIONE PROFESSORI DI LITURGIA. *Il mistero celebrato: per una metodologia dello studio della liturgia*. Roma: CLV, 1989, p. 171.

4. Seguem-se as normas gerais sobre o ordenamento do Ano Litúrgico, com o Motu proprio *Mysterii Paschalis*, de 14 de fevereiro de 1969 e com ele uma nova terminologia, explicando toda a reforma do calendário. As Conferências Episcopais traduziram somente a tabela do calendário.

5. Após esses pontos iniciais, segue-se o Missal, propriamente dito. O Próprio do Tempo, diferente dos Missais anteriores, é apresentado de modo ininterrupto, incluindo, também, todos os Domingos do Tempo Comum.

6. O *Ordo Missae* tem a chamada Missa com participação do povo como o modelo de Missa “normativa”. Encontram-se, também, a Missa com participação de um só ministro e a Missa concelebrada. São propostas novas Orações Eucarísticas, continuando o Cânon Romano. Retomou-se o ósculo da paz, uma tradição do Rito Romano dos primeiros séculos, e abriu-se a possibilidade da Comunhão sob as duas espécies.

7. O Próprio dos Santos segue o calendário civil ao propor a ordem a partir do mês de janeiro até dezembro.

8. São ofertadas as Missas rituais para os demais Sacramentos, para a Profissão Religiosa e Dedicção de Igreja.

9. São propostas Missas e orações para diversas necessidades, inclusive adaptadas às circunstâncias do mundo atual, as Missas votivas e as Missas pelos fiéis defuntos.

10. O Missal reformado traz 81 prefácios e 1600 orações. Foi retirado tudo o que era considerado obsoleto ou duplicação gestual, sendo caracterizado pela simplicidade e brevidade.

11. Sobre as disposições e ornamentação da igreja para a celebração da Eucaristia, o Missal leva em consideração os espaços próprios de cada ação litúrgica, como por exemplo, a sede e o sentido da presidência litúrgica, que foi recuperada, e a teologia do ministério ordenado. No Missal de Trento era disposto que houvesse uma sede de assistência e não de presidência, propriamente dita. São dispostos três lugares teológicos por excelência: a sede, o ambão e o altar – que são três lugares cristológicos. Passou a ter-se em consideração que uma igreja deve ser construída para que contenha o altar e não o contrário.

12. Das adaptações possíveis, que também *Sacrosanctum concilium* abre espaço, tem-se o seguinte:

12.1. Da parte do presbítero a escolha das partes da missa.

12.2. Da parte do bispo, como moderador da vida litúrgica da sua diocese.

12.3. Da parte da Conferência Episcopal. A língua para a tradução do Missal. Deveria se prever a possibilidade de tradução e o sentido das palavras para que não fujam ao sentido com que a Igreja lhes entende. As adaptações culturais ao Rito Romano significam que algum dos seus elementos podem se adaptar à cultura, mas que tenham o mesmo significado na cultura local com a qual entra em contato.

13. A recuperação da Liturgia da Palavra. A Missa é a Liturgia Eucarística e a Liturgia da Palavra, em seu conjunto. O Missal é o livro do altar e das leituras. Nesse sentido, Missal e Lecionário formam um todo. Neles está contido tudo o que todos os ministros envolvidos na ação litúrgica devem realizar. A Liturgia da Palavra foi restaurada para o bem do povo de Deus, e foi enriquecida com mais leituras e dividida em três ciclos dominicais (A-B-C), levando em consideração dos três Evangelhos sinóticos, e dois ciclos feriais (ano ímpar e ano par).

14. A assembleia com seus diversos ministérios traz à tona a teologia do povo de Deus, apresentada pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Todo o povo participa e celebra na ação litúrgica, na qual o sacerdote (epíscopo ou presbítero), *in persona Christi Capitis* e *in nomine ecclesiae*, reza as orações. Os ministérios são entendidos como serviços e não como privilégios, e cada um deve fazer apenas aquilo que lhe compete. Isso ressalta a questão da participação ativa e consciente da assembleia, mesmo que o entendimento teológico de participação ativa não se resume apenas ao dado do fazer⁴².

15. O rito da apresentação dos dons é o novo termo daquilo que no Missal Tridentino era chamado ofertório e vinha acompanhado com uma fórmula ofertorial/sacrificial. Assim, passa-se da nomenclatura ofertório para apresentação dos dons. A preparação do pão e do vinho para a Eucaristia agora assume o caráter de apresentação, podendo ser levados processionalmente para o altar.

2.5.2 A terceira edição típica do Missal Romano de 1970

O Missal de 1970, que chegou à sua terceira edição típica, sob o pontificado do Papa João Paulo II, é o final do processo das edições de 1965 e 1970. Em 1975, o Missal de Paulo VI viu uma segunda edição para que pudesse ser adaptado ao novo ordenamento

⁴² Cf. RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica*. Roma: CLV, 2011, p. 189-191: em que o autor fala da assembleia e da participação dos fiéis como grande objetivo da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.

dos ministérios, uma vez que ele havia reformado as Ordens Menores e criado os Ministérios Instituídos. Aprovada no ano 2000 pelo Papa João Paulo II, publicou-se em latim, no ano de 2002, uma nova edição do Missal Romano, em acordo com as novas disposições do Código de Direito Canônico de 1983⁴³. Em língua portuguesa e para o Brasil, a terceira edição típica teve a sua publicação pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 2023⁴⁴, após 19 anos de trabalho da Comissão Episcopal para a Liturgia e da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (CETEL).

O Missal Romano, assim, dá o testemunho da Tradição litúrgica da Igreja⁴⁵, sendo o seu conteúdo atual concorde com a mentalidade e sensibilidade teológica do Concílio Vaticano II. Não é um livro definitivo, porque poderá sofrer alterações, se assim a Igreja sentir a necessidade de tradução e adaptação, porque: “enquanto instrumento, o livro não é nunca definitivo, mas sempre perfectível. Por isso, há necessidade de ser adaptado, segundo as épocas históricas, as comunidades e suas culturas, os diversos níveis de competência, e continuamente mediado”⁴⁶.

A história e a evolução do Missal Romano sempre estiveram em movimento e foram sempre acompanhadas pelo cuidado e a observação próxima da Autoridade da Igreja. Quando necessário, ela deve atualizar, seja a sua instrução geral, seja o seu calendário geral. Por isso, com o passar dos anos, sob os pontificados dos papas que sucederam a Paulo VI, outros dispositivos surgiram para a atualização da reforma litúrgica, como, por exemplo, em 1994, a Instrução *Varietatis Legitimae*, que ofereceu faculdades jurídicas às Conferências Episcopais para as adaptações em âmbito de matéria litúrgica⁴⁷.

⁴³ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano. *Rivista Liturgica*, vol.95, n.5, p. 875-883, set./out. 2008, p. 875-878.

⁴⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

⁴⁵ Cf. SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Ed.). *Missale Romanum*. Editio Princeps (1570). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini, 1), p. VIII-XI.

⁴⁶ SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento*: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia. Roma: CLV, 2003, p. 38. Tradução nossa. Texto original: “In quanto strumento, il libro non è mai definitivo, ma sempre perfectibile. Per questo ha bisogno di essere adattato, secondo le epoche storiche, le comunità e le loro culture, i diversi livelli di competenza, e continuamente mediato”.

⁴⁷ Cf. SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento*: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia. Roma: CLV, 2003, p. 64-76.

Considerações finais

A reforma do Missal Romano foi querida e esperada. Depois de um primeiro momento da reforma, que teve começo com os trabalhos das grandes traduções dos livros litúrgicos, chegou-se o tempo da revisão dos mesmos livros litúrgicos. Ainda em 1969, a publicação da Congregação do Culto *Comme le prévoit* deu a possibilidade para a realização das traduções. Algumas Conferências Episcopais entenderam bem qual deveria ser o trabalho realizado, enquanto outras não, acrescentando aos Missais elementos que não estavam nos originais das edições típicas.

Por essa razão, em 2001, foi publicada a Instrução *Liturgiam authenticam*, que impôs limites em matéria de tradução e adaptação dos livros litúrgicos, por conta de abusos encontrados. Por essa instrução, o Papa João Paulo II, por meio da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, ordenou que fossem revistas, pelas Conferências Episcopais, as traduções já realizadas.

No ano de 2017, com o Motu proprio *Magnum principium*, o Papa Francisco buscou retomar o contexto original da letra da reforma litúrgica auspiciada pelo Concílio Vaticano II em matéria de tradução dos livros litúrgicos. Assim, tem-se buscado, cada vez mais, resolver e administrar problemas de tradução de conceitos litúrgicos – do modo como podem, alguns conceitos, serem entendidos nas diversas línguas e culturas. Na verdade, o problema não era a língua a ser traduzida, mas a linguagem a ser empregada.

Abriu-se um terceiro momento: o das adaptações, com a publicação de *Varietatis Legitimae*. Há adaptações que já eram previstas nos livros, outras adaptações mais profundas⁴⁸, não estão acenadas nos livros litúrgicos e devem ser feitas com bastante cuidado e sob o olhar da Sé Apostólica. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil começou pela revisão da Bíblia e agora publicou a tradução da terceira edição típica do Missal Romano para o Brasil.

O Missal Romano é, assim, um instrumento para a celebração, diga-se, o mais importante, mesmo que não único. Ele, portanto, deve ajudar a celebrar, uma vez que é uma “realidade que vai passo a passo com a evangelização e suas diversas formas”⁴⁹; e

⁴⁸ Cf. SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio de sacra liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 decembris 1963). *Acta Apostolicae Sedis*, vol.6, n.56, p. 97-13, 1964, n. 40.

⁴⁹ Cf. SODI, M.; TONIOLO, A. (Ed.). *Missale Romanum ex decreto SS. Concilii Tridentini restitutum Summorum Pontificum cura recognitum*. Editio typica (1962). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. (Monumenta Liturgica Piana, 1), p. XVII: “È una realtà che va di pari passo con l’evangelizzazione e con le sue diverse forme.”.

não deve ser encarado, apenas, como um instrumento para a celebração, mas deve ser entendido, como o testemunho privilegiado do modo como a Igreja sempre obedeceu à ordem do seu Senhor, como penhor, dom e súplica de amor. Desse modo, o Missal Romano guarda a riqueza da veneranda Tradição da Igreja⁵⁰.

É urgente que os ministros ordenados aprendam a usar o Missal, dos formulários às rubricas, como indica o Papa Francisco em *Desiderio Desideravi*. O objetivo de aprender a usar o Missal não é outro, senão, para viver e fazer os outros viverem a celebração da Eucaristia na sua forma orante. Quando se conhece bem o instrumento a ser usado sente-se uma segurança e isto aparece aos outros, no ministério da presidência, o que auxilia, por demais, à boa *ars celebrandi*.

O novo Missal Romano, ou Missal de Paulo VI, traz consigo vários aportes do Concílio Vaticano II, seja na teologia seja no ritual enquanto tal, uma vez que nele estão presentes:

A teologia litúrgica da constituição *Sacrosanctum Concilium*, a ecclesiologia da *Lumen Gentium*, a teologia da Palavra de Deus da constituição dogmática *Dei Verbum*, a visão de mundo e das relações da Igreja com ele da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, a consciência ecumênica do decreto *Unitatis Redintegratio* e da declaração *Nostra Aetate*, a abertura missionária do decreto *Ad Gentes*⁵¹.

Passados séculos de celebração da Igreja, sua estrutura fundamental permaneceu sempre firme. Qual a importância de uma nova tradução, como bem quis o Papa João Paulo II? Sem dúvida a fidelidade à Tradição da Igreja e ao seu inestimável tesouro eucológico e ritual. Por isso, é importante que o Missal seja conhecido, meditado, aprofundado. Assim sendo, a celebração da liturgia da Igreja se encherá cada vez mais daquele estilo e daquele espírito de oração litúrgica, sem se deixar levar por um rubricismo ou esteticismo vazios ou por uma criatividade selvagem, arbitrária ao verdadeiro espírito da Liturgia.

⁵⁰ Cf. CONSIGLIO EPISCOPALE PERMANENTE. Messaggio dei Vescovi Italiani in occasione della pubblicazione della terza edizione italiana del Messale Romano. Roma, 8 gennaio 2020. In: CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Un Messale per le nostre Assemblee*: la terza edizione italiana del Messale Romano: tra Liturgia e Catechesi. Roma: Fondazione di Religione Santi Francesco d'Assisi e Caterina da Siena, 2020, p. 69-74.

⁵¹ SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento*: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia. Roma: CLV, 2003, p. 77. Tradução nossa. Texto original: "La teologia litúrgica della costituzione *Sacrosanctum Concilium*, l'ecclesiologia della *Lumen Gentium*, la teologia della parola di Dio della costituzione dogmatica *Dei Verbum*, la visione del mondo e dei rapporti della Chiesa con esso della costituzione pastorale *Gaudium et Spes*, la coscienza ecumenica del decreto *Unitatis Redintegratio* e della dichiarazione *Nostra Aetate*, l'apertura missionaria del decreto *Ad Gentes*."

Referências

ANDRIEU, M. *Les Ordines Romani du haut Moyen Age: Les Textes (Ordines XIV-XXXIV)*. t. 3. Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniense, 1974. (Études et Documents, 24).

ANDRIEU, M. *Les Ordines Romani du haut Moyen Age: Les Textes (Ordines XXXV-XLIX)*. t. 4. Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniense, 1965. (Études et Documents, 28).

AUGÉ, M. Dal messale tridentino al messale Vaticano II. In: CENTRO AZIONE LITURGICA (Ed.). *Il Messale Romano per la celebrazione del mistero*. Roma: CLV, 2011. (Iniziazione alla Liturgia, 15).

BRADSHAW, F. *Alle origini del Culto Cristiano: fonti e metodi per lo studio della liturgia dei primi secoli*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

CATELLA, A. I modelli rituali della liturgia di ordinazione. In: *Le liturgie di ordinazione: atti della 24 settimana di studio dell'Associazione professori di liturgia*, Loreto (AN). Roma: CLV, 1996.

CAVALLI, G. *L'imposizione delle mani nella tradizione della Chiesa latina: un rito che qualifica il sacramento*. Roma: Pontificium Athenaeum Antonianum, 1999. (Studia Antoniana, 38).

CIARROCCHI, A. M. *Sponsus Ecclesiae, sicut Christus: sobre el simbolismo nupcial del sacerdote desde Hugo de San Víctor hasta Santo Tomás de Aquino*. Siena: Cantagalli, 2016. (Studi sulla persona e la familia, 32).

CONSIGLIO EPISCOPALE PERMANENTE. Messaggio dei Vescovi Italiani in occasione della pubblicazione della terza edizione italiana del Messale Romano. Roma, 8 gennaio 2020. In: CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Un Messale per le nostre Assemblee: la terza edizione italiana del Messale Romano: tra Liturgia e Catechesi*. Roma: Fondazione di Religione Santi Francesco d'Assisi e Caterina da Siena, 2020.

FOLSOM, C. I libri liturgici del rito romano. In: CHUPUNGCO, A. (Ed.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. Introduzione alla liturgia*. 3. ed. v. 1. Casale Monferrato: Piemme, 2003.

GIUSTINO. *Apologia per i cristiani: introduzione, testo critico, traduction e note di Charles Munier*. v. 10. Bologna: Edizione Studio Dominicano, 2011. (Sources Chrétiennes, 10).

HYPPOLITE DE ROME. *La Tradition Apostolique: text latin, introduction, traduction et notes de B. Botte*. Paris: CERF, 1984.

IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

- LAMERI, A. *La Traditio Instrumentorum e delle insegne nei riti di ordinazione*. Roma : CLV, 1998.
- MAGGIANI, S. Interpretare il libro liturgico. *In: ASSOCIAZIONE PROFESSORI DI LITURGIA. Il mistero celebrato: per una metodologia dello studio della liturgia*. Roma: CLV, 1989.
- MISSALE ROMANUM ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli VI promulgatum. Città del Vaticano: Typis Poliglottis Vaticanis, 1969.
- NOCENT, A. Storia dei libri liturgici romani. *In: MARSILI, S. et alli. (Ed.) La liturgia: panorama storico generale*. Torino: Marietti, 1978. (Anamnesis, 2).
- PATERNOSTER, M. *L'imposizione delle mani nella Chiesa primitiva: rassegna delle testimonianze bibliche, patristiche e liturgiche fino al secolo quinto*. Roma: CLV, 1983.
- PRZECZEWSKI, M. (Ed.). *Missale Franciscanum Regulae: codicis VI. G.38, Bibliothecae Nationalis Neapolinensis*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (Monumente Studia Instrumenta Liturgica, 31).
- RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica*. Roma: CLV, 2011.
- RAFFA, V. *Liturgia Eucaristica. Mistagogia della Messa: dalla storia e dalla teologia alla pratica pastorale*. Nuova edizione ampiamente riveduta e aggiornata secondo l'editio typica tertia del Messale Romano. Roma: CLV, 2003.
- RIGHETTI, M. *Manuale di storia liturgica*. v. 1. Milano: Ancora, 1950.
- SANTANTONI, A. *L'ordinazione episcopale: storia e teologia dei riti dell'ordinazione nelle antiche liturgie dell'Occidente*. Roma: Editrice Anselmiana, 1976. (Studia Anselmiana, 69).
- SCICOLONE, I. La liturgia nella "Tradizione Apostolica" di Ippolito. *In: Dizionario di spiritualità biblico-patristica: culto divino e liturgia*. v. 12. Roma: Borla, 1996.
- SODI, M. Il *Missale Romanum* tra l'edizione del 1474 e quella del 1962. La novitas nella traditio. *Rivista Liturgica*, vol.95, n.1, p. 55-77, jan./fev. 2008.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio de sacra liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 decembris 1963). *Acta Apostolicae Sedis*, vol.6, n.56, p. 97-13, 1964.
- SODI, M.; TONIOLO, A. (Ed.). *Missale Romanum ex decreto SS. Concilii Tridentini restitutum Summorum Pontificum cura recognitum*. Editio typica (1962). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. (Monumenta Liturgica Piana, 1).

SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Ed.). *Missale Romanum*. Editio Princeps (1570). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini, 1).

SORCI, P. Il Messale Romano come strumento della tradizione celebrativa. In: GIRAUDDO, C. (Ed.). *Il Messale Romano, tradizione, traduzione, adattamento: atti della XXX Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia*. Roma: CLV, 2003.

SORCI, P. Il Messale Romano. *Rivista Liturgica*, vol.95, n.5, p. 875-883, set./out. 2008.